

ANÁLISE COMPARATIVA DAS LOUÇAS ENCONTRADAS EM ÁREAS DE OCORRÊNCIA ARQUEOLÓGICA NA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA, PARANÁ

COMPARATIVE ANALYSIS OF REFINED EARTHENWARE FOUND IN ARCHAEOLOGICAL OCCURRENCE AREAS IN THE METROPOLITAN AREA OF CURITIBA, PARANÁ

Jardel Stenio de Araújo Barbosa^a
Marcos Vinicius Oliveira dos Santos^b
Paula Rocha Marino de Araújo^c
Jaisson Teixeira Lino^d

^a Bacharel em Arqueologia, Pós-graduado em Arqueologia Subaquática (UAL/IPT), Mestrando em Ciências Marinhas (Oceanografia) Uneatlântico (Cantábria, Espanha), Arqueológica - Consultoria Arqueológica. E-mail: jardelstenio@gmail.com

^b Bacharel em Arqueologia – Universidade Federal de Sergipe, Arqueológica - Consultoria Arqueológica. E-mail: vinicius_oliveira.santos@yahoo.com.br

^c Bacharel em Arquitetura e Urbanismo – Universidade Estadual de Maringá – PR, Pós-Graduada em Arqueologia (Claretiano), Arqueológica - Consultoria Arqueológica E-mail: paulamarino.arq@gmail.com

^d Pós-doutor em Arqueologia – Universidade de Amsterdã, Holanda, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Email: lino@uffs.edu.br

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar um estudo comparativo das louças encontradas em áreas de ocorrência arqueológica na região metropolitana de Curitiba. As ocorrências foram identificadas durante trabalhos de acompanhamento arqueológico na área de instalação de dois condomínios residenciais, o Condomínio *Madison* na cidade de Campo Largo e o Condomínio *Benvenue* no município de Almirante Tamandaré. Este estudo busca demonstrar o potencial informativo dos artefatos coletados durante os trabalhos de arqueologia preventiva, a fim de contribuir com os estudos acerca da louça de fabricação nacional, tendo em vista que esta região foi uma das pioneiras na produção industrial destes objetos.

PALAVRAS-CHAVE

Louça Brasileira, Arqueologia Histórica, Arqueologia Preventiva; Estado do Paraná.

ABSTRACT

This article aims to present a comparative study about refined earthenware found in archaeological occurrence areas in the metropolitan area of Curitiba. The fragments were identified during Archaeological Monitoring studies in the construction area of two residential condominiums: Condomínio Madison, in the city of Campo Largo, and Condomínio Benvenue, in the city of Almirante Tamandaré. The purpose of this research is to show the informative potential of the artifacts collected during the preventive archaeology services, as well as contributing to studies related to Brazilian earthenware production, considering this region was one of the pioneers in the industrial production of these objects.

KEYWORDS

Brazilian Earthenware, Historical Archaeology, Preventive Archaeology, Paraná State.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

BARBOSA *et al.* Análise comparativa das louças encontradas em áreas de ocorrência arqueológica na região metropolitana de Curitiba, Paraná. Cadernos do Lepaarq, v. XIX, n.38, p. 82-105, Jul-Dez. 2022.

INTRODUÇÃO

A região metropolitana de Curitiba, que inclui os municípios de Campo Largo e Almirante Tamandaré, onde realizou-se o acompanhamento arqueológico nas áreas de implantação dos condomínios Madison e Benvenue pela equipe da Arqueológica Consultoria Arqueológica, foi um dos primeiros locais a produzir louça de mesa¹ em escala industrial no Brasil. Essa atividade consolidou-se de tal forma que no ano de 2011, por meio da Lei Estadual nº 16.773, a cidade de Campo Largo foi declarada capital da louça, porcelana de mesa e da cerâmica do estado do Paraná.

A produção destes itens em escala industrial consolidou-se no Brasil a partir do século XX. Dentre os fatores que contribuíram para tal fortalecimento, é possível citar os projetos de modernidade que surgiram no início do mesmo século, a redução das importações e o incentivo à produção nacional no contexto da Primeira Guerra Mundial, além das teses higienistas e a expansão ferroviária, que serviu como um dos mecanismos de distribuição destes produtos no território nacional. Outro fator importante foi o barateamento dos custos de produção destes itens, que permitiu o acesso das camadas mais pobres da sociedade a tais produtos, contribuindo para sua popularização (SOUZA, 2010; 2013).

Apesar da expansão da produção em escala industrial da louça brasileira ter ocorrido no século XX, cabe ressaltar que as primeiras fábricas de tais objetos surgiram no final do século XIX, com a fundação da Cerâmica Nacional em Caetés, Minas Gerais, e da Fábrica de Louças Colombo, no Paraná. É importante mencionar, ainda, que existiram outras tentativas de fabricação em território nacional pelo menos desde o século XVIII, como as conhecidas criações do químico João Manso Pereira no Rio de Janeiro (BRANCANTE, 1981).

No Paraná, outro fator que impulsionou a instalação de fábricas de cerâmica foi a chegada dos imigrantes europeus, principalmente italianos. Advindos de locais onde o artesanato em cerâmica era costumeiro, e tendo encontrado matéria prima de qualidade na região, eles sentiram-se incentivados a desenvolver tal atividade, uma vez que ela lhes era familiar. A pioneira Fábrica de Louças Colombo, por exemplo, teve início em uma colônia italiana (fundada por Francisco Busato, originário de Vicenza) e, pelo menos nos primeiros anos, contou com a presença maciça de imigrantes na produção de seus produtos (ROCHA, 2018; MORALES, 2010).

Esta informação é corroborada por Brancante (1981), que divide a produção da Colombo em duas fases de acordo com a nacionalidade do artesão e da equipe responsável pela produção.

A primeira, denominada “italiana”, era voltada para produção de louça vidrada, sendo a meia-faiança um gênero de faiança de excelente teor artístico. É considerada pelo autor “o período mais brilhante”, e vai de 1897 a 1901. Na época, o italiano João Ortolani, que estudou na Academia de Pintura e Escultura de Verona, na Itália, esteve à frente da produção.

A segunda fase, denominada “germânica”, compreendeu o período de 1902 a 1926, e findou-se junto às atividades da fábrica, que encerrou o empreendimento em razão de um incêndio.

¹ Termo utilizado pela indústria para diferenciar os produtos cerâmicos que recebem tratamento vítreo como a louça sanitária, a cerâmica artística, dentre outros. (ABCERAM, 2020).

A produção estava sob responsabilidade do químico Paulo Knold, que, junto de alguns especialistas alemães, adotou o fabrico industrial da louça tipo granito e o uso da decalcomania na cerâmica, importando da Alemanha o material para produção da decoração, cujo motivo principal eram os arranjos florais (BRANCANTE, 1981).

Cabe ressaltar que, nesta segunda fase, a fábrica estava sob a liderança do coronel e ervateiro campo-larguense Zacharias de Paula Xavier, que alterou o nome do empreendimento para São Zacharias² e promoveu uma inauguração, no ano de 1903.

Historicamente, cabe destacar a figura de Zacharias, uma vez que ele, enquanto industrial influente, pode ter incentivado a produção cerâmica em Campo Largo. Por volta de 1920, então, a cidade inaugurou sua primeira fábrica de louças, e viu a atividade expandir-se de tal forma que até 1960 outros dez empreendimentos do mesmo segmento foram inaugurados (ROCHA, 2018).

Dentre as fábricas que se destacaram na região de Campo Largo, cabe destacar a Cerâmica Munari & Cia (1924), a Cerâmica Brasileira (Cruzeiro) (1939), a Cerâmica Iguassú (1943), que chegou a produzir 660 mil peças mensais em 1953, a Cerâmica Aurora (1944), a cerâmica Guarany (1950), a Cerâmica Sul Brasileira (Ceramsul) (1953), a Cerâmica Rio Branco (1954) e a Cerâmica Polovi (1958).

Por volta de 1954, a fábrica Steatita e Magnésia, que já operava em São Paulo sob responsabilidade da família Schmidt, foi instalada na cidade. O empreendimento incorporou a Cerâmica Brasileira, e ainda opera, atualmente, sob direção do grupo fundador (CARVALHO, 2008; ROCHA, 2018).

À época, o então nascente polo de produção de louças nacionais no sul do Brasil, foi diretamente influenciado pela boa qualidade da argila de Curitiba e região (CARVALHO, 2008: 20), “onde abundavam argilas de primeira qualidade e caulim” (BRANCANTE, 1981: 513).

Embora a produção de louça nacional tenha sido relevante em inúmeros estados brasileiros, elas integram uma categoria artefactual pouco estudada e, por vezes, negligenciada pela arqueologia. Dentre as razões para tal fato, é possível mencionar a supervalorização da louça inglesa em detrimento da louça brasileira, a dificuldade de distingui-la das louças importadas e a percepção equivocada de que estas peças são “recentes”, uma vez que o século XX é ignorado por muitos pesquisadores, cujos parâmetros o consideram historicamente desimportante na evolução da sociedade.

Lino (2011: 29), aponta um outro fator para esta desconsideração de períodos mais recentes por parte dos arqueólogos. Para ele, há uma suposta superabundância de fontes escritas e fotográficas disponíveis para interpretar o passado recente, e deste modo se está “endossando a escrita como fonte máxima e legítima de acesso ao entendimento do passado humano, algo que inclusive já foi superado por parte da comunidade de historiadores, tanto a partir da crítica ao documento escrito como algo “puro” e “imparcial” quanto com a abertura para o uso de muitas

² Segundo Carvalho (2008: 20), a mudança do nome também ocorreu porque na época, fundou-se uma Cooperativa com nome semelhante (Vila Colombo Soc.), aproveitando-se da reputação da já bem estabelecida marca cerâmica e, como consequência, influenciando na mudança do nome.

outras fontes, como as imagens, as informações orais, a cultura material, e assim por diante”.

Dentre as pesquisas cujo objeto de estudo foi a louça nacional, é válido citar a pesquisa de Souza (2010) com a fábrica de louças Santa Catharina, e a pesquisa de Morales (2008, 2014) com a fábrica de louças Colombo e com as coleções do Museu Paranaense. Ambos os estudos expõem a importância destes itens na compreensão de diversos aspectos da sociedade e problematizam a ausência de pesquisa acerca do tema.

Guiado por estas referências, então, o objetivo do presente artigo é apresentar um estudo comparativo dos artefatos coletados em ocorrências arqueológicas localizadas na região metropolitana de Curitiba. Tendo em vista que a hipótese mais provável é que os mesmos sejam oriundos das fábricas locais, este estudo visa reconhecer o potencial informativo destas peças, bem como contribuir para o conhecimento acerca das características próprias dos produtos nacionais, pois, embora esta não seja uma atividade original, ela está longe de ser uma mera cópia dos itens importados (SOUZA, 2010).

Segundo Barker e Majewski (2006), os estudos sobre cerâmica desempenharam (e continuam desempenhando) um papel central no desenvolvimento da arqueologia em geral, e, em particular, na arqueologia histórica. Trata-se da classe artefactual mais estudada, como consequência de, via de regra, serem as cerâmicas as mais presentes nos sítios arqueológicos, mesmo em estado fragmentário. Para os referidos autores, a cerâmica tem potencial de prover uma série de informações no estudo do passado humano. Elas podem informar a respeito de mudanças estilísticas e culturais, padrões de consumo, rotas comerciais, tecnologia, industrialização e outros, além de, dependendo dos elementos contidos nos artefatos, serem passíveis de datação.

A PESQUISA DE CAMPO

Os trabalhos de campo referentes aos empreendimentos residenciais Condomínio *Benvenue*, em Almirante Tamandaré, e *Madison*, em Campo Largo, estão relacionados a processos de licenciamento ambiental junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e foram executados pela equipe da Arqueológica Consultoria Arqueológica. Ambos receberam enquadramento nível II de acordo com instrução normativa 001 de 2015 do órgão que prevê, para esses casos, o acompanhamento arqueológico.

De maneira geral, esta metodologia consiste na presença em tempo integral de um ou mais arqueólogos em campo, acompanhando todas as atividades causadoras em potencial de dano ao patrimônio arqueológico, como escavações, supressão vegetal, dentre outras. O produto final é um relatório que será submetido à aprovação do IPHAN contendo a descrição de todas as atividades monitoradas, incluindo fotografias georreferenciadas, mapas, fichas, e todas as demais informações necessárias para caracterizar a pesquisa.

De maneira mais específica, as atividades de acompanhamento na área de implantação do Condomínio *Benvenue* aconteceram entre os meses de setembro de 2018 e março de 2019.

Tais atividades consistiram, principalmente, em supressão vegetal e escavações com auxílio de maquinário. Seguindo a metodologia prevista no projeto aprovado pelo IPHAN, as áreas que sofreriam intervenções eram previamente inspecionadas pelo arqueólogo de campo e, após a conclusão dos serviços, uma nova vistoria do terreno era realizada.

Durante o processo, em novembro de 2018, a realização do caminhamento em uma área do empreendimento que havia passado por supressão vegetal identificou vestígios arqueológicos em superfície que, possivelmente, estavam encobertos pela vegetação. O material identificado consistia, em sua maioria, em fragmentos de louça e vidro.

A partir desta constatação, então, tendo em vista que o acompanhamento arqueológico prevê que caso haja achados arqueológicos, deve haver a paralisação da obra nas áreas onde forem identificados vestígios, bem como o IPHAN deve ser comunicado para deliberação a respeito das ações a serem executadas, a área, com uma ampla margem de segurança, foi isolada, os materiais foram mantidos *in situ*, e as atividades no local foram suspensas.

Dada a realização da comunicação ao IPHAN, sugeriu-se a execução de uma malha de poços testes, cujo objetivo era caracterizar a área a partir do contexto deposicional dos vestígios. Seguidos todos os ritos do processo administrativo e cumprindo a metodologia proposta, foram realizados os encaminhamentos sugeridos, poços testes equidistantes cinco metros entre si foram utilizados, na tentativa de localizar os artefatos em superfície e em subsuperfície.

Como resultado das intervenções, apenas um poço teste positivou para a presença de material arqueológico em subsuperfície, de forma que uma sondagem de cinquenta centímetros por cinquenta centímetros foi aberta para verificação. Contudo, a presença de material foi restrita aos primeiros dez centímetros, mostrando que as demais camadas eram compostas por aterro. Concluiu-se, então, que os artefatos identificados nesta área restringiam-se à superfície, e que se encontravam dispersos de maneira descontínua ao longo da área.

Constatou-se, portanto, que não haviam dados suficientes para caracterizar este conjunto de artefatos como integrante de um sítio arqueológico, e assim, optou-se por utilizar a denominação “ocorrência arqueológica” que, de acordo com Morais (2000), pode ser entendida como a presença de objeto único ou quantidade ínfima de objetos aparentemente isolados ou desconexos encontrados em determinado local caracteriza uma ocorrência arqueológica. Neste sentido, cabe destacar que a ausência do chamado “contexto arqueológico” não reduz ou elimina o potencial informativo que estes artefatos contêm.

A partir da caracterização deste conjunto de artefatos como ocorrência arqueológica, deu-se a coleta georreferenciada de todos os vestígios identificados. Desta maneira, para cada material identificado individualmente ou em conjunto, foi registrada uma coordenada geográfica com auxílio de GPS. Após o georreferenciamento, fichas de coleta onde constam dados como projeto, data, localização, tipo de material e quantidade eram preenchidas, para que fosse possível, futuramente, compreender as condições em que as peças foram coletadas.

Isto posto, o material era acondicionado de acordo com a tipologia junto de sua respectiva ficha, em embalagens plásticas. Foram coletadas, ao total, sessenta peças, das quais cinquenta e

oito eram fragmentos de louça, um era fragmento de vidro, e o último item foi descartado após a triagem em laboratório. A localização dos fragmentos de louça coletados encontra-se descrita na imagem abaixo:

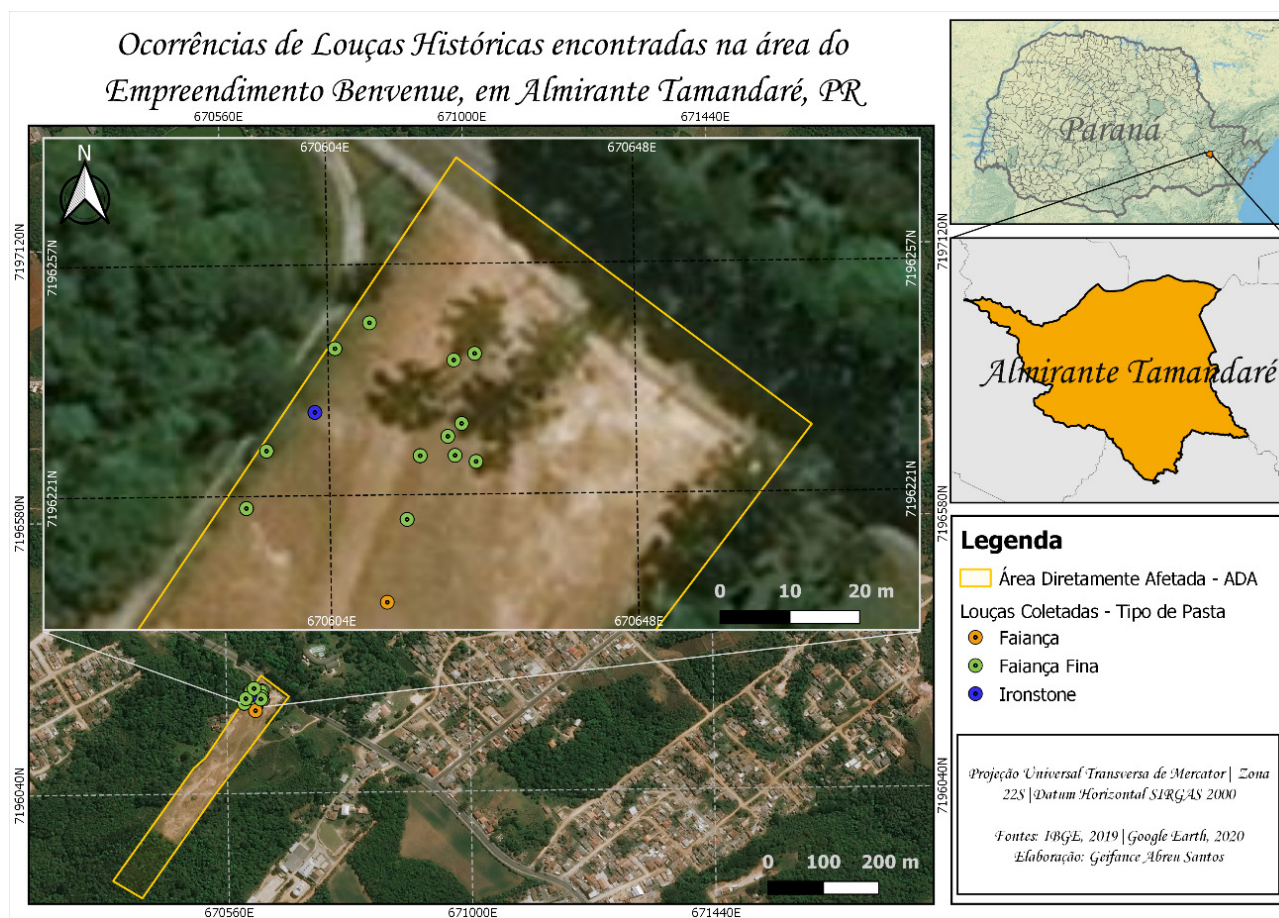


Figura 1: Mapa de concentração de vestígios históricos identificados durante o acompanhamento arqueológico do Condomínio Residencial *Benvenue*, Almirante Tamandaré – Paraná.

Fonte: Autores, 2021.

As atividades de acompanhamento arqueológico na área de implantação do Condomínio *Madison*, por sua vez, ocorreram entre os meses de dezembro de 2018 e junho de 2019. Esta área foi caracterizada como uma região bastante antropizada, com presença de áreas de currais no sentido sudoeste, e com depósito de maquinário e seixo da secretaria de viação e obras da prefeitura de Campo Largo, no sentido nordeste. Além disso, de acordo com moradores no entorno, a área do empreendimento era, antigamente, uma pequena chácara com pastagens e pouso de animais, que foi desativada por volta de 1991.

A metodologia utilizada na execução do acompanhamento arqueológico foi semelhante àquela adotada no Condomínio *Benvenue*, com verificação do terreno antes e depois das atividades de obra, supressão vegetal, escavações, cortes de solo, entre outros.

Durante essas investigações, novos materiais históricos foram identificados. Tratavam-se de fragmentos de louça e vidro na superfície do terreno. Seguindo, mais uma vez, a determinação da Instrução Normativa 001 do IPHAN, a área onde foram identificados os vestígios foi isolada e um comunicado encaminhado ao órgão.

A metodologia aplicada na identificação dos vestígios em subsuperfície consistiu na abertura de duas sondagens de um metro por um metro, localizadas nas áreas de maior concentração de material, que foram escavadas até trinta centímetros, uma vez que todas as camadas se mantiveram negativas para a presença de material arqueológico. Foi realizada, também, a colocação de sinalização na área, com bandeirinhas vermelhas, nos locais onde identificavam-se vestígios em superfície.

Após os trâmites administrativos do processo que autorizou a coleta georreferenciada, um novo caminhamento foi realizado com o objetivo de localizar possíveis novos artefatos em superfície. As bandeirinhas vermelhas possibilitaram o fácil acesso às peças identificadas anteriormente. As observações em campo constataram uma situação semelhante à do Condomínio *Benvenue*, em que o material encontrava-se em superfície, disperso e descontínuo, de modo que também foram considerados como ocorrência arqueológica.

Assim, deu-se a coleta georreferenciada com auxílio de GPS. Os materiais eram acondicionados, junto das fichas de coleta, em sacos plásticos separados por categoria. O resultado desta atividade foi um conjunto composto por noventa e sete peças, sendo noventa e um fragmentos de louça, um fragmento de vidro, dois fragmentos de grés, dois fragmentos de cerâmica e um item descartado após a triagem em laboratório. A localização dos fragmentos de louça coletados encontra-se descrita na imagem abaixo:

Ocorrências de Louças Históricas encontradas na área do Empreendimento Condomínio Residencial Madison, Campo Largo/PR

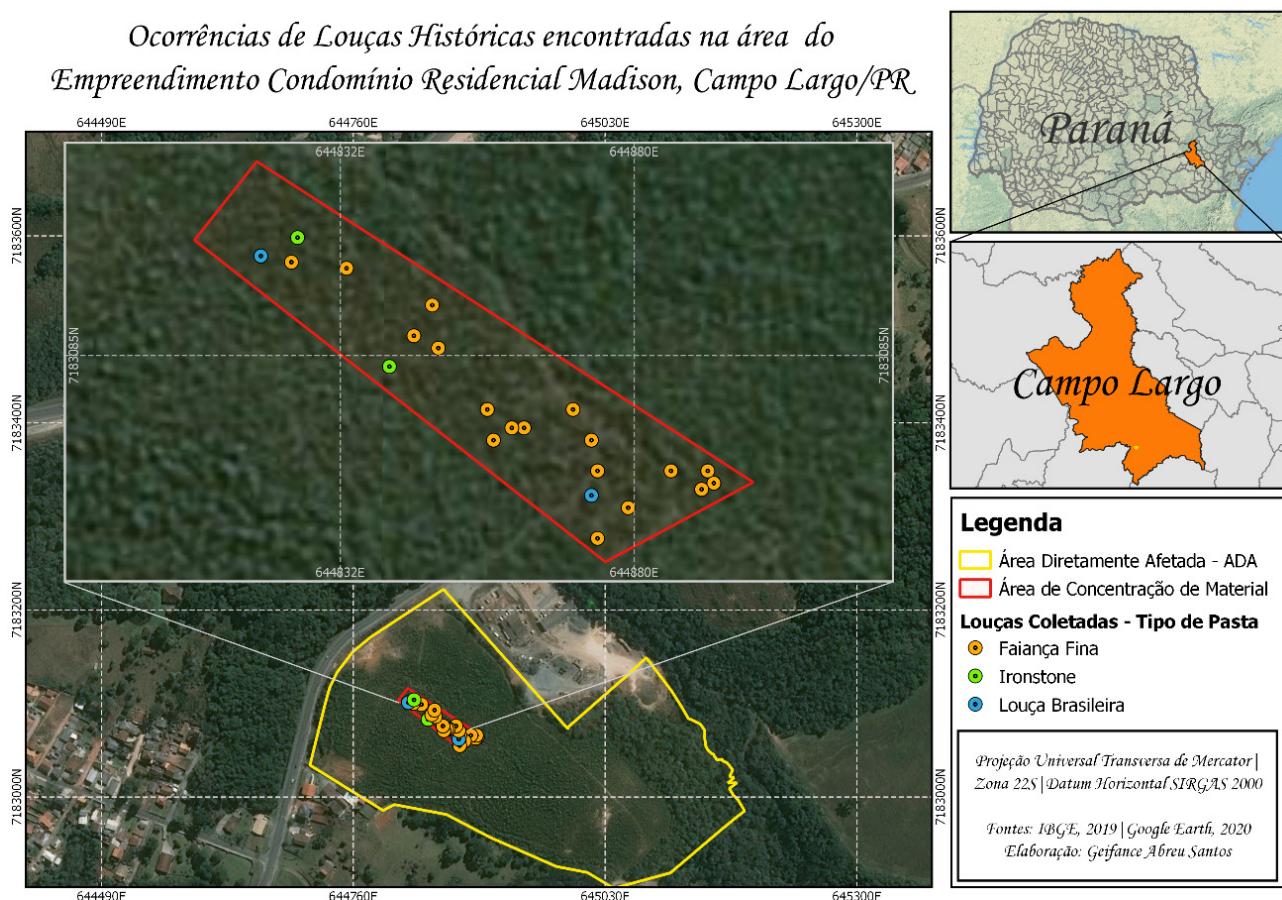


Figura 2: Mapa de concentração de vestígios históricos identificados durante o acompanhamento arqueológico do Condomínio Residencial Madison, Campo Largo – Paraná.

Fonte: Autores, 2021.

Todos os materiais coletados em ambos os empreendimentos foram submetidos à curadoria em laboratório. A primeira atividade executada foi a limpeza do material com auxílio de escovas de cerdas macias e água, em alguns casos. Na sequência, realizou-se a triagem de todos os itens, objetivando a exclusão de peças que não figurassem como material arqueológico. Após o processo inicial, realizou-se a numeração ou o tombamento dos artefatos, seguindo a metodologia tradicional de esmalte incolor e tinta nanquim aplicada com ponteiro tipo bico de pena, nas regiões da peça que não prejudicassem futuras análises e, também, que não anulassem seu apelo estético.

O sistema de identificação destas peças utilizou a sigla OC, indicando a classificação de Ocorrência Arqueológica, e, na sequência, foi inserido o número da peça. Neste caso, como a coleção não ultrapassava centenas de artefatos, a numeração recebeu dois dígitos. A marcação, então, iniciou-se em OC-01 e continuou em ordem crescente, respeitando a sequência de coleta.

Por fim, deu-se o processo de pesagem e medição do material, com auxílio de paquímetro, análise e fotografia. Os dados obtidos foram inseridos em planilhas que compunham as fichas de inventário da coleção. Além dos dados de mensuração, os artefatos passaram por uma análise baseada nos pressupostos teóricos, cientificamente aceitos e já consolidados para cada tipologia de material.

Embora este material pertença a áreas de ocorrência arqueológica onde não é possível obter algumas informações, como o contexto primário das peças, por exemplo, elas possuem um relevante potencial informativo.

Se levamos em conta a escassez de dados sobre a louça de fabricação nacional, e a hipótese de que grande parte dos fragmentos coletados advém de produção local, a análise de seus atributos pode oferecer um referencial para pesquisas futuras. Além disso, cabe ressaltar que os trabalhos de arqueologia preventiva, como o que apresentamos neste artigo, têm sido de grande contribuição para o crescimento de pesquisas em Arqueologia Urbana no Brasil (Souza, 2010).

ANÁLISE COMPARATIVA DOS CONJUNTOS DE LOUÇA

A louça é uma categoria material comum nos sítios arqueológicos históricos brasileiros. A popularização deste produto, principalmente os que tinham origem inglesa, ocorreu no Brasil a partir do século XIX, impulsionada, dentre outras razões, pela abertura dos portos, no ano de 1808, que facilitou a entrada de itens manufaturados.

A família real portuguesa, junto de sua corte, trouxe ao Rio de Janeiro hábitos europeus que passaram a ser referência na vida cotidiana e nos eventos sociais. Cabe salientar, contudo, que estes costumes foram incorporados de maneira distinta em cada contexto social (LIMA, 1995). O consumo dos itens manufaturados neste período era tal que autores como Araújo e Carvalho (1993) e Lima (1995) chamaram o fenômeno de “febre ou revolução do consumo”.

Cabe esclarecer que a palavra louça é um termo genérico que compreende “todos os pro-

duetos manufaturados de cerâmica, compostos de substâncias minerais, sujeitas a uma ou mais queimas” (PILEGGI, 1958:194). Tal generalização mostra-se problemática no que diz respeito ao estudo da cultura material, histórica e arqueológica, tendo em vista que abrange inúmeras variedades de objetos. Dessa forma, uma das maneiras utilizadas pela arqueologia para diferenciar os tipos de louças existentes é a classificação da pasta cerâmica que compõe cada fragmento (MORALES, 2014).

Utilizando tal critério de classificação nas pesquisas arqueológicas históricas, a louça costuma ser subdividida em porcelana, faiança, faiança fina ou *ironstone*; a porcelana é considerada a pasta mais dura resultante do cozimento em altas temperaturas, que gera um produto delicado e resistente; a faiança é tida como a mais porosa, feita com argila de grande plasticidade recoberta por um esmalte opaco; a faiança fina, apontada como uma categoria intermediária entre a faiança e a porcelana, e o *ironstone*, que costuma ser definido como uma pasta mais próxima da porcelana por ser mais fundente e impermeável que a faiança fina.

A percepção da diferença entre a *ironstone* e a porcelana é possível a partir da observação de características relacionadas à decoração e também a espessura da louça que normalmente é maior³ (BRANCANTE, 1981; ZANETTINI, 1986; TOCCHETTO *et al*; 2001)

No caso da louça brasileira, a maior parte da produção tem características semelhantes à faiança fina e ao *ironstone*, e suas denominações são vastas (Souza, 2010). Há menção aos termos “louça de barro”, “louça de pó de pedra”, “louça do tipo granito”, “louça vitrificada”, “porcelana” e “louça de porcelana” utilizados tanto pela indústria especializada quanto pelos ceramistas.

De acordo com Rocha (2018), a denominação “louça de pó de pedra” passou a ser utilizada pela indústria brasileira por conta da exigência de patente para fabricação, havendo a necessidade de uma denominação específica para que o produto pudesse ser produzido. Pileggi (1958: 180-181), descreve em detalhes os processos de manufatura destes tipos cerâmicos, alertando apenas para uma pequena diferença entre a “pó de pedra” e a “granito”, que “consiste na temperatura de cocção e na dosagem das substâncias empregadas na composição da massa”.

Além do tipo de pasta, outras características foram observadas para a classificação dos fragmentos de louça advindas da coleta na área de implantação dos Condomínios *Madison* e *Benvenue*. A metodologia adotada neste trabalho foi baseada no sistema taxonômico proposto por Majewski & O'Brien (1987), amplamente empregada por pesquisadores brasileiros que abordam esta temática.

Cada artefato foi analisado a partir da verificação das seguintes características: tipo de pasta, presença de decoração, tratamento de superfície, classe dos fragmentos, técnica decorativa, decoração e cor. Cabe esclarecer que, embora seja um sistema classificatório pensado para as louças importadas, sobretudo as de origem inglesa, devido à sua consolidação enquanto metodologia de pesquisa, a metodologia será aplicada neste trabalho com as devidas ressalvas, tendo em vista que a hipótese de que grande parte do conjunto tenha origem nacional.

³ Contudo, Miller (1980: 2) aponta para as dificuldades de, em muitos casos, serem classificadas levando-se em conta a pasta e o esmalte.

O tipo de pasta, então, foi o primeiro critério de análise a que o conjunto composto por 58 fragmentos de louça do Condomínio *Benvenue* e 91 fragmentos do Condomínio *Madison* foi submetido. O processo constatou que mais de 90% dos fragmentos analisados possuem características semelhantes às louças do tipo faiança fina ou louça de “pó de pedra”, que é resultante da moagem de feldspato e quartzo, resultando em uma pasta cujas partículas continuam visíveis.

As demais, foram classificadas como *ironstone*, tendo em vista que sua pasta possuía caráter mais uniforme e coloração mais branca que as demais, mas espessura maior que a porcelana. É possível que este tipo de louça corresponda à chamada “porcelana brasileira” ou “louça granito” embora esta caracterização não seja muito clara na bibliografia, dificultando a identificação com segurança (SOUZA, 2010).

A fabricação da porcelana brasileira na região metropolitana de Curitiba, em Campo Largo, intensificou-se a partir da década de 1950, tornando-se, posteriormente, o tipo de louça mais fabricado. Em sua pesquisa acerca da produção de louças no município entre os anos de 1920 e 1960, Rocha (2018) define este período como o “ciclo da porcelana”, e informa que a introdução deste tipo de louça na região é atribuída à Fritz Erwin Schmidt, um dos fundadores do Grupo Schmidt, que havia estudado na Alemanha e tinha experiência com a confecção destes itens em outras fábricas nas quais trabalhou, como a Porcelana Mauá em São Paulo.

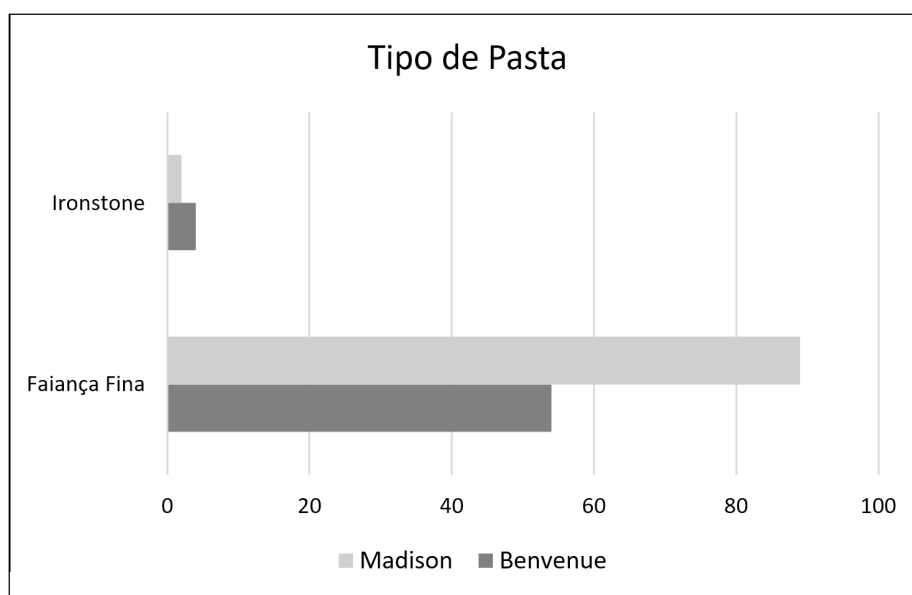


Figura 3: Tipos de pasta.

Fonte: Autores, 2021.

Na sequência, seguindo a metodologia supracitada, o conjunto de louças foi dividido entre fragmentos decorados e não decorados. Através desta divisão, constatou-se, que a maioria das peças continha algum tipo de decoração.

No conjunto *Benvenue*, 39 peças possuíam decoração e 19 não no conjunto *Madison*, 67 fragmentos possuíam decoração e 24 não. É importante esclarecer, neste caso, que o conjunto formado pelos fragmentos sem decoração não pertence, necessariamente, a uma louça não de-

corada, já que, em consonância com as teses higienistas⁴ e com a preocupação com a toxicidade das tintas, as fábricas optaram por não concentrar a decoração nas partes dos recipientes que iriam receber alimentos. Assim, recipientes como malgas e xícaras tinham a decoração predominantemente externa, e nos pratos, travessas e em outros recipientes planos, a decoração concentrava-se nas bordas (SOUZA, 2010).

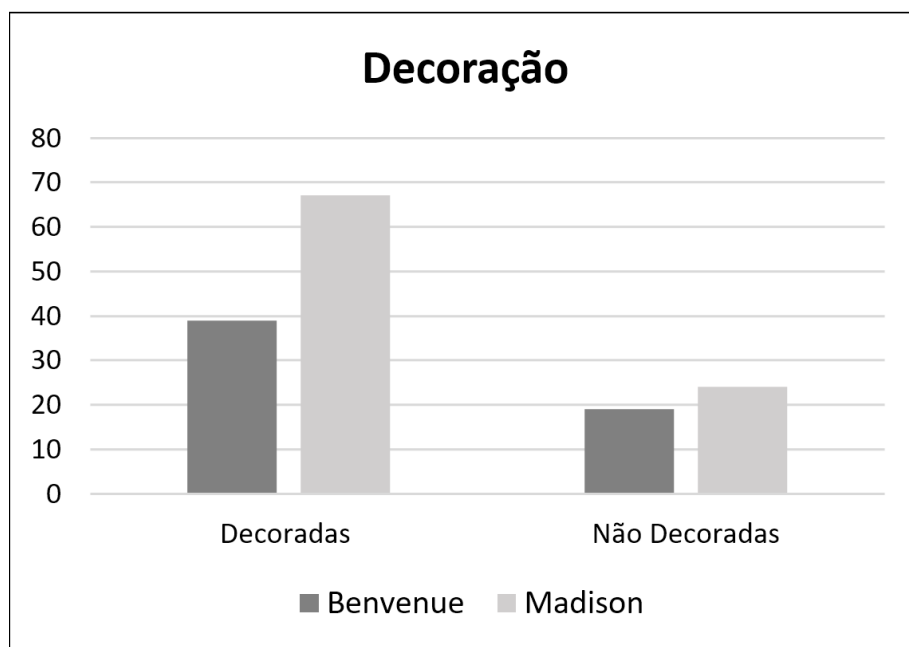


Figura 4: Tipos de decoração.
Fonte: Produzido pelos autores, 2021.

Após a divisão do conjunto de louças de acordo com a presença ou ausência de decoração, os fragmentos decorados foram submetidos a outra análise: o tratamento de superfície. Este atributo corresponde à observação das técnicas de acabamento da superfície externa ou interna das peças (SOUZA, 2010).

Para a faiança fina inglesa, um dos acabamentos a serem observados que auxilia na periodização das peças é o esmalte. Contudo, para a louça brasileira, este tipo de observação é problemático. É possível citar, como exemplo, o fato de que as louças nacionais utilizaram processos e produtos próprios para sua esmaltação, e, por assim ser, utilizar a referência inglesa tornar-se-ia inadequado.

Assim, para este estudo, o tratamento de superfície buscou identificar quais fragmentos possuíam uma superfície modificada por alguma técnica decorativa. No conjunto analisado, há um número reduzido de fragmentos com superfícies modificadas: 16 artefatos para o *Benvenue* e 14 para o *Madison*. A maioria deles corresponde ao padrão trival, que, em linhas gerais, caracteriza-se pela presença de ramos em forma de trigo moldados em relevo sobre os recipientes (SOARES, 2011).

⁴ O higienismo se caracterizou como um movimento moderno e mundial que, a partir do século XIX, apregoava uma série de medidas na sociedade visando as melhorias das condições de saúde. Em seu bojo, havia a consonância, muitas vezes, com ideias raciais e racistas, imputando às populações pobres e determinados segmentos étnicos (negros, indígenas, caboclos etc.) os males que afligiam a sociedade como um todo, sobretudo nas cidades. Para uma discussão sobre a heterogeneidade das ideias higienistas na vida privada no Brasil (onde as louças estavam inseridas), ver Góis Júnior (2002).

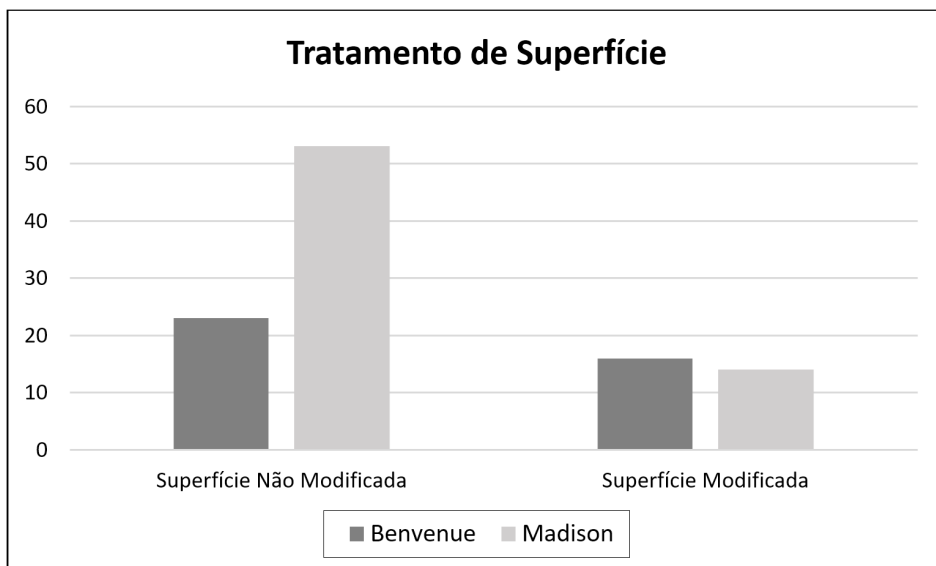


Figura 5: Tratamentos de superfície.
 Fonte: Produzido pelos autores, 2021.

Em seguida, a classe dos fragmentos que refere-se à identificação da parte do vasilhame a que corresponde cada fragmento foi analisada. Constatou-se que no conjunto advindo do Condomínio *Benvenue*, 30 fragmentos corresponderam à borda, 15 correspondem à base, 11 fragmentos correspondem à parede e dois fragmentos correspondem à alça. No condomínio *Madison*, 39 fragmentos corresponderam à borda, 38 fragmentos corresponderam à parede, 11 corresponderam à base e três fragmentos correspondem à alça.

O fato de haver uma quantidade significativa de fragmentos de borda está relacionado à quantidade de fragmentos decorados, reforçando a ideia anterior de que a decoração dos recipientes concentra-se, em sua maioria, nesta parte da peça. Outro dado importante revelado por este atributo é o tipo de peça: é possível atribuir forma ao objeto, tratando-se de pratos, xícaras, pires, dentre outros.

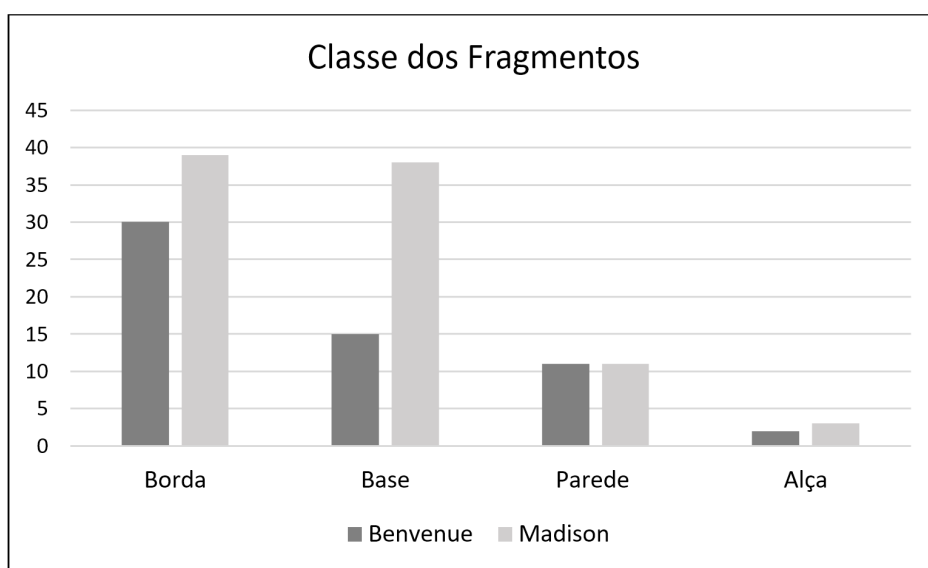


Figura 6: Classes dos fragmentos.
 Fonte: Produzido pelos autores, 2021.

Em relação aos demais elementos decorativos dos fragmentos, dois atributos foram observados: a técnica decorativa e o tipo de decoração. A técnica decorativa está relacionada ao método utilizado para emprego da decoração, como a pintura a mão, impressão por transferência ou *transfer-printing*, dentre outras. A decoração é um atributo mais específico e está relacionada ao tipo de ornamento empregado. A repetição de um determinado tipo decorativo gera as categorias padrões, estilos e motivos (TOCHETTO *et al* 2001; ARAÚJO e CARVALHO, 1993).

No que diz respeito à decoração, foi possível identificar uma diferença entre os conjuntos analisados. Enquanto no *Benvenue* o “moldado” e o “pintado à mão” foram as técnicas mais empregadas, no *Madison* o “estêncil” e o “moldado” foram os métodos mais empregados para decorar as peças.

A técnica denominada de “moldado” está relacionada à superfície modificada e consiste na pressão do desenho sob a pasta ainda mole, antes de passar pela queima. Esta aplicação também pode ocorrer com o auxílio de moldes de gesso, podendo estar associadas a outras técnicas decorativas como o “pintado à mão”, o “estêncil”, o “carimbo”, dentre outras (SOUZA, 2010). Na amostra analisada foi possível constatar essa informação a partir da presença de fragmentos que possuíam decoração do tipo moldado associados às técnicas “estêncil” e “pintado à mão”.

O “estêncil” é uma técnica que consiste na aplicação de um molde vazado sobre a superfície do suporte, sobre o qual são aplicadas tintas, em geral através de pincéis, carretilhas ou *sprays*. As áreas vazadas, do molde, são contornos de motivos decorativos que, após aplicação dos pigmentos, ficam marcados no suporte. É uma técnica bastante característica das produções nacionais.

A técnica “pintado à mão” diz respeito à aplicação da decoração manual, usualmente auxiliada por pincéis. A aplicação pode ocorrer à mão livre, associada aos motivos florais, ou com auxílio de um torno manual que permite que as peças girem enquanto a decoração é aplicada. Este auxílio está, normalmente, associado ao padrão “faixas e frisos” (SOUZA, 2010).

Além destas técnicas que se destacam, foi possível observar a ocorrência de outros métodos: o *transfer-printing*, o “carimbado” e o “esponjado”. Na técnica denominada *transfer-printing*, ou “impressão por transferência”, a decoração é aplicada a partir da gravação de um desenho em placas de cobre ou chapa de aço, impresso em um pedaço de filme ou papel seda, que é aplicado ao biscoito. O desenho configura um baixo relevo no metal, preenchido com tinta: quanto mais funda a incisão na placa ou quanto mais tinta, mais escuro o desenho em sua performance final (SAMFORD, 1997: 3 *apud* SOARES, 2011). No tipo “carimbado”, a decoração é aplicada com o auxílio de um carimbo que permite a reprodução dos motivos de forma repetitiva e idêntica, e no “esponjado” a decoração é aplicada com auxílio de uma esponja dando um aspecto “manchado” à peça (Souza, 2010).

Nas fábricas de Campo Largo, o “estêncil” foi um dos tipos decorativos mais empregados, principalmente entre os anos de 1920 e 1930, substituindo o *transfer-printing* e a pintura à mão livre. Com a chegada da porcelana, estas técnicas começaram a ser substituídas sobretudo pela

decalcomania⁵ que passou a ser predominante, principalmente após a Segunda Guerra Mundial.

Em relação à cor, a predileção passou a ser o dourado como forma de simular o ouro, conferindo maior valor e sofisticação às peças. Esta mudança não restringiu-se ao campo decorativo, mas abrangeu também a tipologia das peças que passaram a conter mais elementos de chá e café (ROCHA, 2018; SOUZA, 2010).

Cabe ressaltar que no *Madison* há um conjunto significativo de peças que possuem decoração: são 17 fragmentos; mas devido ao tamanho do fragmento, não foi possível identificar com clareza a técnica utilizada. Por assim ser, este conjunto encontra-se classificado como não identificado no gráfico abaixo.

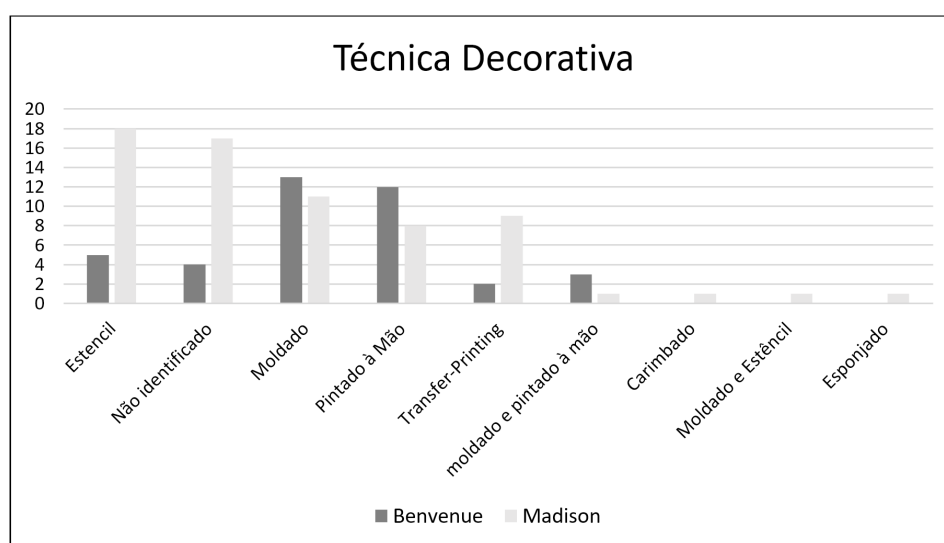


Figura 7: Técnicas decorativas.
Fonte: Autores, 2021.

Assim como as técnicas decorativas diferenciavam-se nos conjuntos analisados, o tipo decorativo que deriva delas também era distinto. No *Benvenue* os dois maiores conjuntos correspondem ao padrão “trigal” (10 fragmentos) e ao padrão “faixas e frisos” (10 fragmentos). Na sequência aparecem os tipos “motivo floral” (nove fragmentos), a associação do tipo “canelado” com “faixas e frisos” (três fragmentos), e um fragmento correspondente ao tipo “cena rural”.

O conjunto *Madison*, por sua vez, possuía como principal tipo decorativo o “motivo floral” (12 fragmentos). Na sequência apareciam os tipos “padrão trigal” (sete fragmentos), “geométrico” (sete fragmentos), “faixas e frisos” (cinco fragmentos), padrão “azul borrão” (quatro fragmentos), padrão *willow* (três fragmentos), “canelado” (dois fragmentos), padrão *shell edged* (um fragmento), “contas” (um fragmento) e “esponjado” (um fragmento).

O padrão “trigal” é um tipo de decoração correspondente à técnica decorativa “moldado”, que confere um aspecto de relevo às peças. Foi bastante popular no Brasil no século XIX, de forma

⁵ “Conhecida em alguns contextos como *decal* e como um tipo de “decoração impressa”, resulta da aplicação, sobre um suporte, de motivos impressos em uma película ou papel adesivo (Souza 1998:197), mono e policromado. Diferente do *transfer-printing*, com a qual é, às vezes, confundida, a decalcomania é majoritariamente utilizada em decorações sobre-esmalte [...] e apresenta um leve relevo ou aspereza. [...] A técnica ficou muito popular no final do século XIX[...] é comum mesmo nos dias atuais (SOUZA, 2010:76).

que as fábricas brasileiras, atentas a esta preferência, passaram a produzi-lo ao longo do século XX. É importante frisar, contudo, que o trigo brasileiro possui características próprias, como o contorno pouco marcado que dificulta a distinção entre o trigo e as folhas, e a presença do lúpulo.

Além dele aparecem ainda associados a essa técnica decorativa o padrão “canelado” ou “china branco”, caracterizado pela presença de linhas paralelas na peça, o padrão “contas”, caracterizado pela presença de pequenos círculos e um relevo do tipo “motivo floral” (SOUZA, 2010, 2013; ROCHA, 2018).

Cabe ressaltar que este tipo decorativo poderia ser acromático ou estar associado a outros tipos de decoração. No conjunto pertencente ao Condomínio *Madison* foram identificadas as seguintes associações: “Canelado e faixas e frisos”, “contas e faixas e frisos”, “contas, faixas e frisos e geométrico”. Este estilo eclético de decoração era produzido pelas fábricas de Campo Largo, como no bule ilustrado abaixo, que foi produzido pela Cerâmica Rio Branco, englobando os tipos decorativos “canelado”, “trigal” e “faixas e frisos” (ROCHA, 2018).



Figuras 8 e 9: À esquerda detalhe de um bule fabricado pela Cerâmica Rio Branco de Campo Largo que contém três tipos decorativos em uma única peça e à direita um fragmento coletado no Madison que associa três tipos decorativos. Fonte: Rocha (2018) e Arqueológica (2019).

O “motivo floral”, também bastante presente na amostra analisada, é uma denominação genérica para representação da flora, como flores, folhas, sementes, galhos dentre outros. Foi um tipo de decoração bastante empregado e podia ser aplicado a partir de diferentes técnicas decorativas como a “pintura manual”, o “estêncil”, o *transfer-printing*, dentre outras. Além deste motivo, outro tipo decorativo bastante popular é o de “faixas e frisos”, que é caracterizado pela presença de faixas, frisos, ou ambos, podendo haver variações na organização destes elementos (SOUZA, 2010).

A aplicação da decoração do tipo “faixas e frisos” é feita de forma manual com auxílio de um torno que permite que a peça gire enquanto o pincel desliza por ela, conformando o filete. Nas fábricas de Campo Largo, a aplicação das faixas podia ocorrer, também, com o auxílio de uma pistola, conferindo um efeito gradiente na cor.

Na amostra do *Madison*, este estilo de decoração aparece associado ao “motivo floral” e ao “motivo geométrico”, que corresponde à presença de formas como círculos, quadrados e losangos, e na coleção analisada costuma estar associada à técnica decorativa do “estêncil” (Souza, 2010; Rocha, 2018).

Aparecem em menor quantidade nos dois conjuntos os tipos decorativos associados à técnica *transfer-printing* que são a “cena rural” e o *willow*, um dos poucos motivos orientais utilizados pelas fábricas brasileiras. O primeiro caracteriza-se sobretudo por cenas rurais, contendo detalhes de paisagens, animais em fazendas, tais como cavalos ou vacas, ou pessoas trabalhando no campo, praticando tarefas como tirar leite de vaca, capinar, tirar água de poço e outros (TOCCHETTO et al., 2001, SOUZA, 2010, SOARES, 2011). O padrão *willow* tratava-se de um modelo, mas foi tão consumido e produzido por tantas fábricas diferentes que acabou transformando-se em um padrão. Caracteriza-se pela presença de cenas com inspiração chinesa: paisagens rústicas, templos, salgueiros, rios, pontes e pombos (ARAÚJO, 1993).

Além deles, há fragmentos do tipo “azul borrão” também conhecido como *flow blue*, que é obtido através da colocação de recipientes contendo cloretos voláteis no forno durante a queima, para aplicação do esmalte, resultando em um aspecto borrado que vão desde a presença de um halo em torno do desenho, até a dificuldade de discernimento do motivo. Normalmente ocorre na cor azul, embora também possa aparecer em preto, amarelo, marrom e verde (TOCCHETTO et al 2001). Esta técnica é menos comum nas louças de fabricação nacional.

Por fim, há um único representante do padrão *shell edged*, bastante comum nos contextos associados à louça inglesa. Este motivo destaca-se pela presença de linhas curtas perpendiculares à borda, acompanhadas ou não de incisões e decoração moldada em relevo. Pode acontecer em diversas cores, como o vermelho, o verde e o marrom, sendo que o azul é a cor mais utilizada (TOCCHETTO et al., 2001, SOUZA, 2010, SOARES, 2011). Não houve nenhuma ocorrência deste padrão na fabricação nacional.

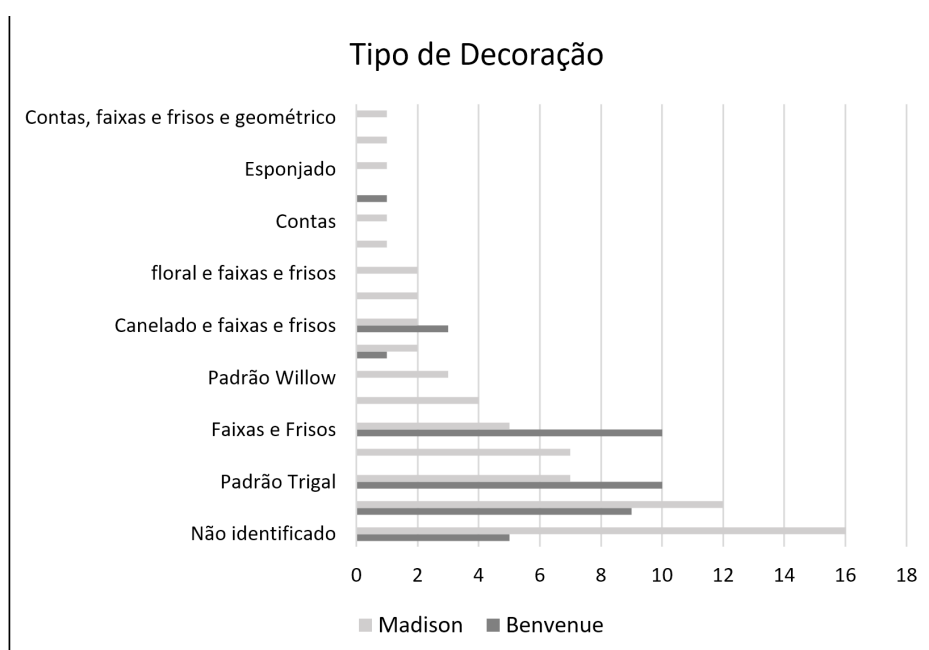


Figura 10: Tipos de decoração.
Fonte: Autores, 2021.

O último atributo analisado nas coleções foi a cor. Constatou-se, então, que a maioria dos fragmentos do conjunto *Madison* são policromados, seguidos pela cor azul. No caso do *Benvenue*, o maior conjunto são de fragmentos de coloração branca, condizentes com os tipos decorativos moldados como o padrão “trigal”, que é bastante expressivo na amostra, seguido pelos policromados.

Em menor quantidade, aparecem decorações nas cores marrom, verde, vermelho, laranja, preto, amarelo e dourado. O uso de cores diversas em uma mesma peça é bastante comum nas louças de fabricação nacional, e tal fato está relacionado às técnicas artesanais como a “pintura manual”, o “estêncil”, o “carimbado”, dentre outras.

Na pesquisa acerca da fábrica paulista Santa Catharina, Souza (2010) constatou a preferência pelo uso de cores contrastantes como amarelo e verde, roxo e verde, marrom e azul, dentre outras combinações que conferiam um colorido bastante acentuado às peças.

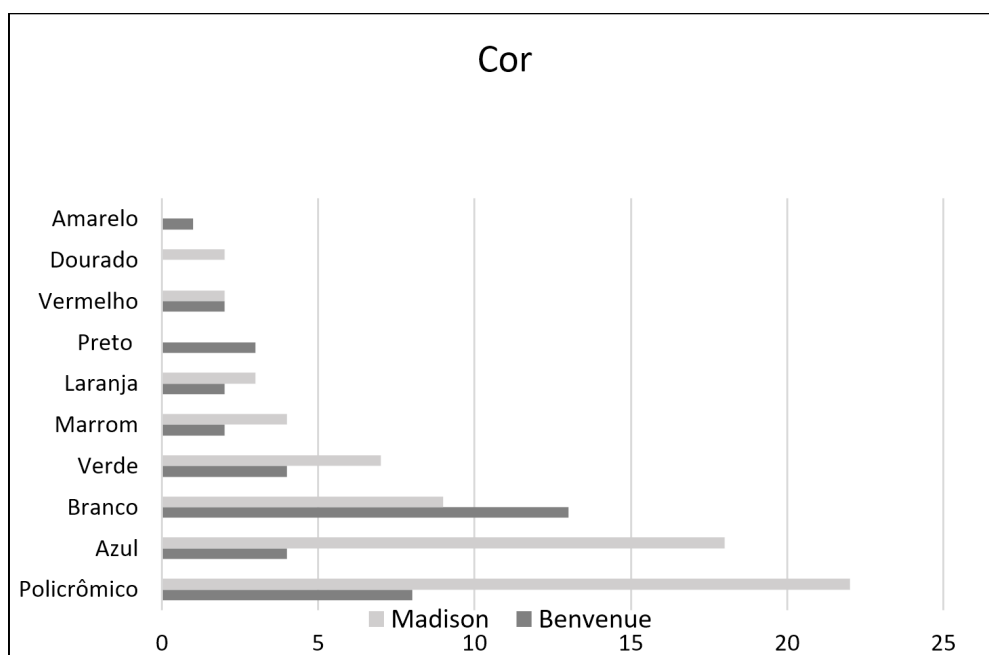


Figura 11: Tipos de cores.
Fonte: Autores, 2021.

Além dos atributos analíticos, uma última característica também foi considerada durante a análise dos fragmentos: a presença dos selos dos fabricantes. Este elemento, cuja presença normalmente ocorre na base externa das peças, é bastante relevante para a análise das louças, uma vez que através dele é possível observar características como procedência, período de fabricação, padrão decorativo, dentre outros. Alguns fabricantes utilizam códigos que, quando conhecidos, tornam ainda mais precisa a datação desses objetos (TOCCHETTO *et al.* 2001).

No conjunto referente ao condomínio *Benvenue* foram identificados três fragmentos contendo selos de fabricação, e no condomínio *Madison*, apenas um fragmento continha essa in-

formação. Todos os selos identificados possuíam origem nacional, sendo três pertencentes às fábricas paranaenses, e um pertencente a uma indústria catarinense, a Porcelana Schmidt, que mantém-se nos dias atuais como um dos principais fabricantes de louça brasileira.

A fundação da Porcelana Schmidt ocorreu no ano de 1945, no distrito de Rio do Testo, atualmente cidade de Pomerode, no estado de Santa Catarina. Os irmãos Schmidt, fundadores, já trabalhavam com a produção de louça em São Paulo. Relatos dão conta da passagem deles pelas fábricas Mauá e Porcelana Real nos anos 1930 (CARVALHO, 2008; ROCHA, 2018).

Os primeiros modelos produzidos pelos Schmidt baseavam-se em amostras trazidas da Alemanha, e os decalques eram importados do Japão, da Alemanha e da Holanda, tendo em vista que a fábrica recém-inaugurada não possuía recursos para produzir modelos originais; o que foi possível após a abertura de um setor de design próprio, na década de 1980.

Na década de 1950, devido ao sucesso da produção, o grupo adquiriu o controle da Cerâmica Brasileira na cidade de Campo Largo, transformando-a na Porcelana Steatita. Na década de 1960, a fábrica iniciou as exportações de seus produtos, principalmente para América do Norte, e na década de 1970 associou todas as fábricas, passando a chamar-se Grupo Schmidt/SA. O selo identificado no fragmento coletado no Condomínio *Benvenue* foi produzido entre os anos de 1946 e 1960 (CARVALHO, 2008; ROCHA, 2018).



Figura 12: Fragmento da base de recipiente contendo inscrição.
Fonte: Arqueológica, 2021.



Figura 13: Detalhe do selo de fabricação pertencente à Porcelana Schmidt.
Fonte: Arqueológica, 2021.

O outro selo identificado no conjunto pertencente ao Condomínio *Benvenue*, é da fábrica de louças, refratários e vidros João Evaristo Trevisan, fundada no ano de 1927 na cidade de Curitiba, Paraná. Pouco se sabe a respeito da história da fábrica, que possivelmente encerrou suas atividades no final da década de 1950. O selo identificado no fragmento OC-32 possivelmente pertence ao período de 1945 a 1957 (CARVALHO, 2008).



Figura 14: Fragmento de base de recipiente contendo inscrição EVISAN.
Fonte: Arqueológica, 2021.



Figura 15: Ilustração do mesmo selo.
Fonte: Carvalho, 2008.

Por fim, o último selo identificado neste conjunto corresponde à Cerâmica Campo Largo. As informações sobre esta fábrica na literatura especializada são escassas. Isso ocorre, possivelmente, porque o prédio onde o empreendimento funcionou mudou de proprietário diversas vezes ao longo dos anos. Sua fundação ocorreu por volta de 1920, e a empresa chamava-se, à época, Companhia Manufactora de Louças. Nos anos subseqüentes, a nomenclatura mudou para Castagnoli & Cia, Cerâmica Iracema e, por fim, Cerâmica Campo Largo.

As alterações na gestão da fábrica refletiram nas inúmeras mudanças na marca de fabricação: nos primeiros anos, o símbolo utilizado pela fábrica era uma araucária. Após, na época da Cerâmica Iracema, passou a ser uma indígena, e na gestão dos Parolin, o símbolo passou a ser composto por dois “Cs” concêntricos e um LO. Portanto, o selo em questão, possivelmente foi produzido na década de 1940 quando passou à produção pela família Parolin, que geriu a fábrica até seu fechamento em 1987 (CARVALHO, 2008; ROCHA, 2018).



Figura 16: Parte vestigial do selo identificado no fragmento de base.
Fonte: Arqueológica, 2021



Figura 17: Ilustração do selo presente no fragmento.
Fonte: Carvalho, 2008.

No conjunto pertencente ao Condomínio *Madison* foi identificado apenas um fragmento contendo a marca do fabricante. O selo caracteriza-se pela palavra incisa 'Cruzeiro' e possivelmente pertence a uma fábrica com a mesma denominação, que existiu na cidade de Campo Largo. Não foi possível localizar maiores informações a respeito desse empreendimento.

Na pesquisa de Rocha (2018) consta a informação de uma inscrição da Cerâmica Cruzeiro no mesmo prédio da Cerâmica Brasileira que cujos registros datam da década de 1940. Sabe-se que essa fábrica foi incorporada ao grupo Schmidt em 1954.



Figura 18: Parte vestigial do selo identificado no fragmento de base.
Fonte: Arqueológica, 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo que originou este artigo partiu da hipótese de que grande parte do conjunto de louças coletadas das áreas de implantação dos condomínios residenciais *Madison* e *Benvenue* fossem de fabricação nacional. Tal tese surgiu tendo em vista dois fatores: o local onde essas peças foram encontradas, a região metropolitana de Curitiba que é um polo produtor desses itens pelo menos desde o final do século XIX até os dias atuais, e a presença de selos de fabricantes nacionais que remonta, sem exceção à fábricas brasileiras em funcionamento ou já extintas: Porcelana Schmidt, Trevisan, Cerâmica Campo Largo.

Partindo desse pressuposto, o resultado das análises dos dois conjuntos de artefatos coletados foram comparadas a trabalhos de pesquisa acerca das louças de produção nacional, a saber: Souza (2010), com a pesquisa arqueológica na fábrica de Louças Santa Catharina, Morales (2008, 2014), com as pesquisas arqueológicas na Fábrica de Louças Colombo e com as coleções do Museu Paranaense, e Rocha (2018), que analisou a produção de louças de Campo Largo entre

os anos de 1920 e 1960 do ponto de vista da tradição e do design, com o objetivo de confirmar a hipótese acerca da origem destes artefatos.

Foi possível, então, concluir que os conjuntos analisados possuíam características semelhantes às louças de fabricação nacional, tanto na constituição de sua pasta cerâmica tendo fragmentos semelhantes tanto à faiança fina ou “louça de pó de pedra”, quanto à porcelana brasileira. As técnicas decorativas, os tipos de decoração e as cores empregadas no processo de confecção destes objetos também são coincidentes com as louças de fabricação nacional, bem como com as produções das fábricas do Município de Campo Largo.

Um dos focos deste artigo, portanto, foi observar mudanças nos padrões comerciais de produção e de consumo de louça no Brasil. A mudança de uma rota comercial estrangeira (principalmente inglesa), de meados do século XIX, para a instalação de fábricas nacionais em fins do século XIX e início do século XX, acarretou profundas transformações na aquisição de louças, podendo-se verificar tal mudança no registro arqueológico.

Barker e Majewski (2006) destacam que o estudo dessas mudanças deve contemplar um acurado entendimento do contexto histórico e socioeconômico da época escrutinada na pesquisa, em combinação com as análises artefatuais, resultando, em muitos casos, em dados importantes sobre fontes de manufatura, distribuição geográfica, entre outros.

É válido salientar, também, que a substituição das louças importadas por similares nacionais não implicou em uma mudança definitiva nos padrões de aquisição e consumo dos mesmos na sociedade brasileira, pois, como nos informam Carvalho (2008: 20) e Brancante (1981: 515), continuou ocorrendo ainda no período da primeira metade do século XX uma forte concorrência dos produtos estrangeiros, levando, inclusive, ao fechamento de várias empresas brasileiras, como, por exemplo, a fábrica Colombo/São Zacharias, do Paraná. Pileggi (1958: 146) inclusive, afirma que, após o fim da Primeira Guerra Mundial, os produtos de louça inglesa voltaram a ter forte presença no mercado brasileiro.

Este estudo buscou, também, demonstrar o potencial informativo dos objetos coletados durante as atividades de acompanhamento arqueológico. O objetivo de publicizar estes dados vêm da observação de que, apesar de muito relevantes, raras são às vezes em que as informações provenientes destas pesquisas extrapolam as publicações nos relatórios de campo e contribuem de fato com a pesquisa arqueológica.

De acordo com Caldarelli e Santos (2000), a arqueologia preventiva cobre a grande maioria da pesquisa arqueológica realizada no Brasil, e deste modo não há como dissociar os projetos de contrato do pressuposto básico da arqueologia: o de produzir versões do passado por meio da cultura material. Apesar de algumas diferenças com a pesquisa acadêmica, não há que se descurar da preocupação de produção e divulgação do conhecimento, transformando pesquisa de contrato em publicação acadêmica. Por assim ser, espera-se que o presente artigo contribua para o conhecimento acerca da louça de produção nacional, especialmente aquela produzida na região metropolitana de Curitiba.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABCERAM. **Associação Brasileira de Cerâmica**. Disponível em: <<https://abceram.org.br/definicao-e-classificacao/>>. Acesso em: 15 de abril de 2020.
- ARAÚJO, Astolfo Gomes de Mello; CARVALHO, Marcos Rogério Ribeiro de. A louça inglesa no século XIX: considerações sobre a terminologia e metodologia utilizadas no sítio Florêncio de Abreu, São Paulo. **Revista do MAE**. 3:81-95, 1993.
- ARQUEOLÓGICA. **Relatório Final de Acompanhamento Arqueológico e Salvamento de Ocorrências no Condomínio Residencial Benvenue, Município de Almirante Tamandaré**. Paraná, 2019.
- ARQUEOLÓGICA. **3º Relatório Trimestral de Acompanhamento Arqueológico no Condomínio Residencial Madison, Município de Campo Largo**, Paraná, 2019.
- BARKER, David; MAJEWSKI, Teresita. Ceramic Studies in Historical Archaeology. HICKS, Dan; BEAUDRY, Mary (Eds.). **The Cambridge Companion to Historical Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 205-231.
- BRANCANTE, Eldino da Fonseca. **O Brasil e a Cerâmica Antiga**. Cia Lithographica Ypiranga, São Paulo, 1981.
- CALDARELLI, Solange Bezerra; SANTOS, Maria do Carmo Mattos Monteiro dos. Arqueologia de Contrato no Brasil. **Revista Usp**, n. 44, 2000, p. 52-73.
- CARVALHO, Fábio. **Porcelana Brasil: guia de marcas**. All Print Editora. São Paulo. 2008.
- GÓIS, Edivaldo. Movimento Higienista na história da vida privada no Brasil: do homogêneo ao heterogêneo **ConScientiae Saúde**, núm. 1, 2002, pp. 47-52.
- LIMA, Tania Andrade; MARTINS, A. H. D.; FENZL-NEPOMUCENO, A.; SAMPAIO, A. C. O.; FONSECA, M. P. R. A aplicação da fórmula South a sítios históricos do século XIX. **Dédalo**. 27:83-97. 1989.
- LIMA, Tania Andrade. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, no século XIX. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. 44-96. 1996.
- LIMA, Tania Andrade. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. **Anais do Museu Paulista**. 5:93-127. (1997).
- LIMA, Tania Andrade. **Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX**. Anais do Museu Paulista. vol.3 p.129-191. São Paulo. Jan. /dez. 1995.
- LINO, Jaisson Teixeira. **Sangue e Ruínas no Sul do Brasil: Arqueologia da Guerra do Contestado (1912-1916)**. Tese de Doutorado, UTAD, Portugal, 2011.
- MORAIS, José Luis de. Tópicos De Arqueologia Da Paisagem. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, S. Paulo, 10: 3-30, 2000.
- MILLER, George L. Classification and Economic Scaling of 19th Century Ceramics. **Historical Archaeology**, vol. 14, 1980, p. 1-40.
- MORALES, Martha Helena Loeblein Becker. **Os usos da louça branca de Colombo: aspectos identitários e discursos do poder a partir do diálogo entre história e arqueologia**. Dis-

sertação de Mestrado em História UFPR, Curitiba, 2008, 114 p.

MORALES, Martha Helena Loeblein Becker. **Fragmentos de História: passados possíveis no discurso da arqueologia histórica.** Curitiba: SAMP, 2014.

PILEGGI, Aristides. **A Cerâmica no Brasil e no Mundo.** São Paulo: Martins Fontes, 1958.

ROCHA, Letícia de Sá. **A tradição na produção de louças de mesa na região de Campo Largo, a Capital da Louça, no Paraná: investigação histórica das décadas de 1920 a 1960.** Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 368 p, São Paulo, 2018.

SOARES, Fernanda Codevilla. **Vida material de Desterro no século XIX: as louças do Palácio do Governo de Santa Catarina.** Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2011.

SOUZA, Rafael de Abreu e. **Louça branca para a Paulicéia: arqueologia histórica da fábrica de louças Santa Catharina / IRFM - São Paulo e a produção da faiança fina nacional (1913-1937).** Dissertação (Mestrado) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.

SOUZA, Rafael de Abreu e. Não somos estrangeiras! Pelas louças brasileiras. **Cadernos do Lepaarq, V. X, nº 20.** Pelotas, UFPEL, 2013.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin; SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira; OZÓRIO, Sérgio Rovani, OLIVEIRA, Alberto Tavares Duarte de; CAPPELLETI, Angela Maria. **A Faiança Fina em Porto Alegre: vestígios arqueológicos de uma cidade.** Secretaria Municipal de Cultura. Porto Alegre, 2001.

ZANETTINI, Paulo Eduardo. **Pequeno roteiro para a classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos.** Arqueologia, Curitiba, v.5, p. 117-130, 1986

Recebido em: 09/07/2021

Aprovado em: 15/08/2022

Publicado em: 12/12/2022